



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1914/05	DATA: 24/11/2005
INÍCIO: 11h37min	TÉRMINO: 12h46min	DURAÇÃO: 1h9min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h9min	PÁGINAS: 48	QUARTOS: 14

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MARCELO FETTER - Preso por indícios de envolvimento com quadrilha atuante no tráfico internacional de armas — Operação Serraluz-Nóia, no Estado do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO: Apreciação de requerimentos e tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Grafias não confirmadas:
Rivelino Boremborg de Moraes
Luiz Egídio Batolin
A reunião de audiência pública foi transformada em reunião reservada no final.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Comunico aos Srs. Parlamentares que há *quorum* regimental.

Foram distribuídas cópias da ata da 44ª reunião. Sendo assim, indago se há necessidade de sua leitura.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Solicito dispensa, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado, Deputado Luiz Couto.

Dispensada a leitura, coloco a ata em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discuti-la, coloco a ata em votação.

Os Srs. Deputados que a aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)

Aprovada.

Requerimento nº 163/05, dos Srs. Deputados Luiz Couto e Laura Carneiro, que *“requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Ricardo Castilho de Moraes Herrera”*.

O Deputado Luiz Couto quer fazer, rapidamente, alguma observação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Trata-se de quebra de sigilo bancário e fiscal. Já foram ouvidos alguns deles e é importante que tenhamos esses dados na CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por suspeita de prática do tráfico de armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que o aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)

Aprovado.

Requerimento nº 164/05, dos Srs. Deputados Luiz Couto e Laura Carneiro, que *“requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico da empresa Casa Speratti Caça e Pesca Ltda.”*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É a mesma justificativa, ou seja, acusação de tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É a suspeita de que essa casa fazia parte do...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Inclusive, foram encontradas armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nos últimos depoimentos que foram dados, inclusive duas armas ilegais — se não me engano.

Em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que o aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)

Aprovado.

Requerimento nº 165/05, dos Srs. Deputados Luiz Couto e Laura Carneiro, que “*requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Antônio Argemiro Maia*”.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Ele esteve aqui. Ou seja, ele negou muita coisa, mas, pelo que nós verificamos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É o Toninho, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...nas contradições, ou seja, são as suspeitas de envolvimento dele com tráfico de armas. Por isso que é importante a quebra do sigilo fiscal, bancário e telefônico do Toninho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que o aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)

Aprovado.

Requerimento nº 166/05, dos Srs. Deputados Luiz Couto e Laura Carneiro, que “*requer a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico do Sr. Vitório Feriotti Junior*”.

Esse seria um dos donos da loja.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse, inclusive, mentiu descaradamente aqui. Nós achamos que é fundamental para identificar, porque temos certeza — ele que já foi preso — de que ele tem vínculo com outras organizações criminosas que fazem tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

Em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Aqueles que o aprovam permaneçam como se acham. (*Pausa.*)



Aprovado.

Vamos à oitiva do Sr. Marcelo Fetter.

Sr. Marcelo Fetter, nós estamos na CPI do Tráfico de Armas. O senhor foi preso com indícios de participação no tráfico internacional de armas. Já nos foram dadas algumas informações acerca da sua participação. Esta é a oportunidade que o senhor tem de se manifestar sobre isso, de contar a sua versão, de dizer o que aconteceu e de informar a esta CPI se o senhor tomou conhecimento de algumas rotas de tráfico de armas, algumas facilidades, coisas nesse sentido, não necessariamente vinculadas ao senhor, mas...

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... tomando conhecimento. Muitas vezes, em conversas, a gente toma conhecimento.

Então, V.Sa. tem a palavra para contar a sua versão. Posteriormente, os Deputados a usarão para argüi-lo.

O SR. MARCELO FETTER - A princípio, eu sou desconhecedor da investigação do doutor delegado da DEIC ou da Polícia Federal do Rio Grande do Sul, que começou essa investigação. A princípio, eu não vejo onde ele encontrou alguma coisa que tivesse ligação da minha pessoa com o tráfico internacional de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só um minutinho, por favor.

Peço que aumente o volume do microfone, que está muito baixo, por favor. Agradeço.

Pode continuar.

O SR. MARCELO FETTER - Até porque o meu entendimento quanto ao tráfico internacional de armas seria uma movimentação de armas, de preferência de marca estrangeira. Alguma coisa relativa a isso não aconteceu comigo. Em nenhum momento foi apreendido nada comigo de armamento estrangeiro ou quantia de armas que pudesse me relacionar a essa denúncia aí. Eu acredito que essa denúncia seja um pouco fantasiosa. E o papel, quem sabe... não sei qual foi a intenção do doutor delegado em acoplar o meu nome a essas denúncias aí. Mas, a princípio, desconheço qualquer coisa, qualquer fato que ligue ao tráfico internacional de armas. Quem sabe ele poderia ter usado o nome de qualquer pessoa nessa



denúncia. Quanto, especificamente, ao tráfico internacional de armas, nunca movimente nada que fosse relativo a isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conhece o Sr. Jair de Oliveira?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conhece de onde?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço de São Leopoldo. Conheci no ano de 2004, quando fui comprar um veículo na revenda — acredito eu que seja de propriedade dele — na 7 de setembro. Conheço o Jair, conheço traficantes, conheço assaltantes, conheço homicidas, conheço dentro do sistema penitenciário vários tipos de pessoas, cada um com seus enquadramentos no mundo do crime; dá para assim dizer. Daí, então, concluir que eu pratico esses crimes também, que eu tenha envolvimento com esses tipos de crimes, eu acho que já seria uma coisa meio sem nexos, sem fundamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que o senhor...

O SR. MARCELO FETTER - Mas eu conheço o respectivo nome. Conheço sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que o senhor sabe sobre rotas de tráfico de armas ali?

O SR. MARCELO FETTER - Sobre rotas de tráfico de armas, doutor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que falam? Qual é a conversa?

O SR. MARCELO FETTER - ... qualquer cidadão que for para uma região de fronteira... Para o senhor ter um conhecimento, ter uma noção que posso informar ao senhor, não é? De repente, talvez isso seja mais interessante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso.

O SR. MARCELO FETTER - Qualquer cidadão que for para uma região de fronteira, Uruguaiana com a Argentina, Santana do Livramento com o Uruguai e Foz do Iguaçu com o Paraguai, qualquer pessoa que for para uma região de fronteira — pode ser eu, que tenho passagens na polícia, pode ser um cidadão de bem —, mas qualquer pessoa que for numa região de fronteira, abrir a boca e dizer “*Olha, quero comprar um revólver, quero comprar uma pistola*”, você vai encontrar. Se teu



objetivo é comprar uma arma, você vai te informar e você vai encontrar alguém que te venda essa arma livremente. Desde que você tenha dinheiro para comprar, você compra o que você quiser. Não tem que ser, necessariamente, a participação, por exemplo, de um traficante de armas. Um policial vai na fronteira e compra a arma que quiser, quando quiser. Um empresário, um político, qualquer pessoa. Não quer dizer que tenha que existir uma organização criminosa em torno disso para te transportar para você comprar uma arma. A fronteira não tem fiscalização. Qualquer uma dessas fronteiras que eu falei para o senhor, se o senhor vir, não tem fiscalização. Você não precisa usar uma pessoa para exportar uma arma para você. Você não precisa, você compra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Uruguai é muito fácil para aquisição?

O SR. MARCELO FETTER - Ali, é uma região que eu conheço. Vivo no Rio Grande do Sul há praticamente 10 anos. Sou natural do interior de Santa Catarina, filho de colonos. Eu vim para Uruguaiana em 94. Foi quando eu comecei a me envolver em alguns delitos, em alguns problemas com a Justiça. Então, eu conheci a fronteira com a Argentina. Há cidades que são próximas daquela região, por exemplo, Quaraí, fronteira com Artigas, no Uruguai; Santana do Livramento, fronteira com Rivera. Essas cidades você conhece, você frequenta bailes, festas, qualquer coisa que tenha de atração naquelas cidades do entorno. Você vai, você conhece. Até mesmo para comprar objetos do Paraguai, que você compra no Uruguai. Qualquer objeto que você for comprar no Paraguai hoje, você compra no Uruguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Comprar no Uruguai é mais fácil?

O SR. MARCELO FETTER - No Uruguai, porque antes do chegar no Paraguai passa pelo porto, em Montevideu. Todos aqueles cargueiros, aquelas cargas e produtos contrabandeados que chegam no Paraguai têm passagem no Uruguai. Então, qualquer coisa que você compra no Paraguai, você compra no Uruguai também. Quem sabe seja...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso é interessante. Quer dizer que muita coisa que vai para o Paraguai vem pelo porto de Montevideu?



O SR. MARCELO FETTER - Passa pelo porto de Montevideu com antecedência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, arma, munição ou coisa assim...

O SR. MARCELO FETTER - Qualquer coisa, um Bic; se você quiser contrabandear um Bic, se você tem conhecidos...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Um Bic não me interessa, mas...

O SR. MARCELO FETTER - É, mas eu digo também. Só para o senhor ter conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por exemplo, munição de todos os calibres?

O SR. MARCELO FETTER - É. Qualquer coisa. Se for na fronteira, o senhor compra. Não é preciso você ser integrante de uma organização criminosa. Porque eu questiono esse atributo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas tu chegas onde ali para comprar? Tem loja sobre isso? Tu vais chegar na loja...

O SR. MARCELO FETTER - Você se informa na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... ou tu te informas num ponto de táxi? Como é que é isso?

O SR. MARCELO FETTER - Você se informa na rua, num camelô, num *trailer*, alguma coisa assim. Se quiser, você se informa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Principalmente ali, em Artigas, Rivera...

O SR. MARCELO FETTER - É, são os portos, por assim dizer, portos secos. Não tem aquela segurança nem do lado uruguaio, nem do lado paraguaio; do lado uruguaio ou do lado brasileiro. Não tem aquela segurança. Nada te impede de passar para um lado da rua, comprar uma arma e voltar para o lado de cá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu achas que isso também... Mas tu disseste que qualquer um pode.

O SR. MARCELO FETTER - Pode.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tu achas que isso, também, as organizações criminosas podem ter descoberto isso também?

O SR. MARCELO FETTER - Eu acho que qualquer pessoa. Qualquer pessoa, independente de ter envolvimento em algum crime, policiais civis, militares e essa faixa, assim, de policiais, brigada, polícia civil, militares relacionados a quartéis, esse pessoal todo, qualquer um deles tem acesso a qualquer tipo de arma. Colecionadores...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está certo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu acredito, concluindo, eu acredito que é uma situação, assim... eu falo, assim, da minha opinião relativa a isso. Eu acho que relacionar o tráfico internacional de armas com algumas pessoas, tipo a minha situação, eu acho que não é cabível e não procede. Eu acho...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Você acha que a polícia não deve ter...

O SR. MARCELO FETTER - Eu acho que a linha de investigação do doutor delegado da Polícia Federal...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixe eu te falar, Marcelo.

O SR. MARCELO FETTER - ... na época em que incluiu o meu nome, acho que a linha de raciocínio de investigação dele não está correta. Eu acho, quem sabe ele estava procurando um bode expiatório ou alguma coisa assim. Eu acredito que não procede.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom.

O SR. MARCELO FETTER - Não vejo desta forma, entende?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vou passar, então, a palavra ao Relator e vou pedir ao Deputado Neucimar Fraga que assuma a Presidência, por favor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Marcelo Fetter, o senhor residia onde, antes de ocorrer a sua prisão?

O SR. MARCELO FETTER - Em Farroupilha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Farroupilha.

O SR. MARCELO FETTER - Farroupilha.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fazia muito tempo já que estava em Farroupilha?

O SR. MARCELO FETTER - Alguma coisa em torno de 1 ano.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor exercia algum tipo de atividade legal lá em Farroupilha?

O SR. MARCELO FETTER - Eu trabalhava com veículos, mas já iniciava, intermediava a venda de veículos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com alguma agência?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não. Autônomo..

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Autônomo. O senhor residia onde lá em Farroupilha?

O SR. MARCELO FETTER - No centro. Rua Guilherme Ander, 64.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor morava sozinho? Casado, família?

O SR. MARCELO FETTER - Eu, minha esposa e meu filho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, a sua esposa e o seu filho?

O SR. MARCELO FETTER - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de residir em Farroupilha, o senhor residia onde?

O SR. MARCELO FETTER - Em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uruguaiana.

O SR. MARCELO FETTER - Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lá em Uruguaiana, o senhor morou quanto tempo?

O SR. MARCELO FETTER - Eu fui para Uruguaiana em 94.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de morar em Farroupilha, sempre morou em Uruguaiana?

O SR. MARCELO FETTER - Em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E lá, em Uruguaiana, o senhor tinha alguma atividade legal?

O SR. MARCELO FETTER - Tinha.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Trabalhava onde?

O SR. MARCELO FETTER - Trabalhava com veículos também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com veículos?

O SR. MARCELO FETTER - É. Trabalhei, uma época, como auxiliar do Departamento de Pessoal de uma empresa de venda de tecidos, confecções, na 7 de setembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E lá, com veículos, o senhor trabalhava com quem?

O SR. MARCELO FETTER - Autônomo. Comprava e investia dinheiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Brique?

O SR. MARCELO FETTER - É, brique. Esse tipo de coisa. Comprava um chevetinho, um fusca, e vendia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vivia disso?

O SR. MARCELO FETTER - E botava minha comissão em cima. Ia nas revendas, botava placa nos vidros: "Vende-se". Botava preço, dava umas voltas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Lá, em Uruguaiana, o senhor conheceu esse pessoal que, em princípio, o senhor se envolveu com os problemas com a Justiça. Foi isso?

O SR. MARCELO FETTER - Exatamente, comecei em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual foi o primeiro problema que teve lá?

O SR. MARCELO FETTER - Meu primeiro problema com a Justiça foi em 96. Foi uma receptação de uma caminhonete sem documentos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Caminhonete sem documentos.

O SR. MARCELO FETTER - É, sem documentos. Respondi pelo crime. Fui condenado nesse processo, no passado. A todos eles respondi. Paguei sentença em alguns processos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E depois, quais as outras passagens que o senhor teve?

O SR. MARCELO FETTER - É isso. Até hoje, eu estava foragido da Justiça. É essa sentença que eu estou puxando hoje.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa é a de 96?



O SR. MARCELO FETTER - Não. Depois...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois teve de quê?

O SR. MARCELO FETTER - Teve mais, teve um...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Receptação?

O SR. MARCELO FETTER - Teve receptação; teve um roubo de carga, em Santa Catarina. Algumas coisas assim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lá em Uruguaiana?

O SR. MARCELO FETTER - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem mais foi preso contigo, lá em Uruguaiana?

O SR. MARCELO FETTER - Na época, em Uruguaiana? Um é finado: Renato Silveira Gomes; Jorge Hermeto Silveira Gomes. Algumas pessoas que eu conheci ali, da região.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim.

O SR. MARCELO FETTER - Mas relacionados a carga.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A cargas.

O SR. MARCELO FETTER - Nada relacionado a armas. Nada relacionado ao tráfico de armas, ao tráfico de drogas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lá em Uruguaiana tu mexias com carga já?

O SR. MARCELO FETTER - É, exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É? E o Baklizi, tu o conheces ou não?

O SR. MARCELO FETTER - Lá, quem mora na região de Uruguaiana, conhece o Baklizi, dono de uma rede de supermercados.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Negociava com ele ou não?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, não. Não tenho acesso aos Baklizi não. São turcos. Turcos, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Árabes.

O SR. MARCELO FETTER - ... são árabes, são da Jordânia. Eles até não gostam que se fale, que os chamem de turcos, eles se sentem ofendidos.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem mais negociava carga com vocês lá?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Ali, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, pois alguém comprava, não?

O SR. MARCELO FETTER - Ali na região de Uruguaiana, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah! Não?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Levava para longe?

O SR. MARCELO FETTER - É, levava para fora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vendia para onde?

O SR. MARCELO FETTER - Paraná, Santa Catarina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Mas essas perguntas que o senhor estava fazendo para mim...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para te conhecer, não é?

O SR. MARCELO FETTER - É. Isso aí foram algumas coisas do meu passado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Passado.

O SR. MARCELO FETTER - Eu tive sentença a respeito disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava tranqüilão nesta fase mais... estava só foragido por conta daquele...

O SR. MARCELO FETTER - É, estava foragido. Então, a esses processos eu respondi. Algumas sentenças eu recebi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem alguém na sua família também que já se envolveu com problemas com a polícia, com a Justiça?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, não. Da minha família, nunca, ninguém. Agora, dessa Operação Serraluz-Nóia, houve a prisão, também, do meu irmão, do meu irmão mais novo. Mas ele é um sujeito primário, não tem envolvimento com a Justiça. Nunca tinha entrado em delegacia, nem nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que ele se envolveu nisso?

O SR. MARCELO FETTER - Ele não se envolveu, praticamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que envolveram ele?



O SR. MARCELO FETTER - Eles acreditaram no seguinte: o meu irmão andava comigo. Eu tinha passagens pela polícia, alguns policiais me conheciam. Então, eles calcularam que ele tinha alguma coisa a ver comigo, que ele agia junto comigo. Mas, a princípio, eu estava sem agir, sem fazer nada, desde 2003, quando fiquei foragido da Justiça.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu conheces o Jair, não?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço o Jair.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinhas conhecimento das atividades do Jair?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Nunca me interessou a vida pessoal dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabes quem é o Seco?

O SR. MARCELO FETTER - Ouvi falar. No Estado do Rio Grande do Sul, você lê jornal... Os próprios policiais me pediram por ele, mas também só ouvi falar. Nem conheço. Não sei se o cidadão é magro, gordo, alguma coisa assim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabes que nós tivemos acesso à investigação que levou à prisão de vocês. Nessa investigação há muitas informações. Inclusive, tu sabes que tem as transcrições telefônicas das tuas conversas.

O SR. MARCELO FETTER - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, nós temos a transcrição das coisas que tu falavas, com quem tu falavas.

O SR. MARCELO FETTER - Claro. Muitas dessas transcrições que o senhor, que o doutor está alegando, muitas transcrições aí, eu não reconheço como sendo minhas não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não reconhece como suas?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Algumas, eu não reconheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Algumas, eu reconheço como sendo minhas. Inclusive, um dia eu conversei a respeito disso com o Dr. França, com o Doutor Delegado França, eu questionei com ele algumas acusações relativas a essas conversas. Eu disse: *“Doutor, se o senhor olhar, essas ligações telefônicas estão todas sendo usadas como acusação contra a minha pessoa. Se o senhor olhar bem,*



tem algumas vezes que eu falei que crucifiquei Jesus Cristo. O senhor vai me condenar por eu crucificar Jesus Cristo?" Algumas vezes eu brinquei no telefone, porque eu suspeitei que a linha telefônica estava grampeada. Eu disse: "Tu viste só quanto eu tive que dar para o Desembargador de Justiça para soltar o Melara?" Isso tem na conversa, é bobagem! Então, o doutor vai lá, vai pegar aquela bobagem, porque eu falei uma bobagem no telefone, porque eu falei que dei 300 mil para um Desembargador de Justiça soltar o Melara, e o senhor vai lá prender o desembargador? Eu falei uma bobagem no telefone, porque eu suspeitei que a linha estava grampeada. Quantas vezes eu comentei por telefone, brincando: "O que estes caras estão fazendo? Em vez de ir para casa para cuidar da mulher deles, ficam aí escutando minha conversa?" Quantas vezes eu falei?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Então, há uma...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu achavas que estava sendo grampeado?

O SR. MARCELO FETTER - Sempre suspeitei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pela polícia ou grampo ilegal, dos teus parceiros?

O SR. MARCELO FETTER - Não, porque assim, olha só: eu fui pego em 98 pela DEIC, do Estado do Rio Grande do Sul. Eu fui preso em Tubarão, Santa Catarina, por roubo de carga. Na época, não tinha mais o que eles tirarem de mim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roubo de carga, naquela época?

O SR. MARCELO FETTER - É, roubo de carga, em 98, Tubarão, Santa Catarina. Se o senhor analisar, procurar na situação, o senhor vai encontrar esse processo. Eu respondi. Depois...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pegava carga de...

O SR. MARCELO FETTER - Roubo de carga. Fui denunciado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era de cigarro?

O SR. MARCELO FETTER - Na época, foi uma carga de lençol.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lençol.

O SR. MARCELO FETTER - É.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês roubavam carga na estrada mesmo?

O SR. MARCELO FETTER - É, na estrada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem era a tua parceria, na época?

O SR. MARCELO FETTER - Na época, foi preso comigo o Elson Lourismar de Vargas Machado, um sujeito de São Borja, que era o motorista. Então, nós fomos denunciados por roubo de carga. Então, a DEIC da Capital, de Porto Alegre...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só para eu me lembrar: essa carga foi roubada onde?

O SR. MARCELO FETTER - Na BR-290, no Rio Grande do Sul.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na BR-290?

O SR. MARCELO FETTER - É, uma carga de exportação, que vinha da Argentina para São Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Então, respondi. Respondi a todos aqueles processos. A princípio...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas essas que tu falaste, do Desembargador, era brincadeira...

O SR. MARCELO FETTER - Brincadeira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas tem umas que são de verdade.

O SR. MARCELO FETTER - Claro. Mas algumas coisas não se concluíram, doutor. Algumas coisas não se concluíram, entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, o que quero é te explicar é o seguinte, Marcelo.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós não estamos interessados em ti. Nós queremos pegar o negócio mais complicado.

O SR. MARCELO FETTER - Eu não discordo dessa intenção, claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esta CPI aqui pode ser uma coisa que te ajude. Agora, se nós chegarmos à conclusão de que tu está nos mentindo, que tu está omitindo informações, eu vou te incluir no relatório, vou te indiciar mais uma vez.



O SR. MARCELO FETTER - Não, não tem problema não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Não nego que vim aqui conversar com vocês e dar qualquer informação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, vamos combinar o seguinte: tudo aquilo que tu falares para nós e que for verdade, nós vamos considerar a teu favor.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tudo aquilo que nós comprovamos que tu estás aqui nos mentindo, omitindo ou protegendo alguém vai ser também objeto do nosso relatório, que vai ser enviado para a Justiça, para a Polícia e assim por diante.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem um episódio, que tu sabes qual é, que envolve o assalto ao carro-forte lá em Candelária. Conhece esse episódio?

O SR. MARCELO FETTER - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ouviu falar?

O SR. MARCELO FETTER - Não sei qual é a intenção de botar o meu nome nesse episódio aí, entendeu? Nunca participei de nenhum assalto a carro-forte. Tive vontade, mas nunca tive oportunidade. O senhor quer que eu fale a verdade para o senhor, eu estou falando. Nunca participei de nenhum assalto a carro-forte.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Nós temos aqui uma transcrição de uma conversa tua com o Jair Oliveira tratando sobre explosivos.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que tu falas para nós sobre isso?

O SR. MARCELO FETTER - Sobre explosivos?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. MARCELO FETTER - Eu acredito que essa conversa seja relativa a eu me informando sobre...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - É, exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Relata para nós essa conversa.



O SR. MARCELO FETTER - Agora?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Relata para nós. Pode relatar.

O SR. MARCELO FETTER - Eu tive uma conversa com ele sim, a respeito de explosivos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o que era?

O SR. MARCELO FETTER - É, exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então conta para nós essa conversa, o que era, qual era o teu interesse, o que tu estavas...

O SR. MARCELO FETTER - Buscar informações sobre o uso disso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas tu estavas com qual finalidade?

O SR. MARCELO FETTER - Quem sabe, mais no futuro, usar em alguma coisa que me trouxesse benefício, alguma coisa assim. É que tinha um cidadão aí que quis me vender uns explosivos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E aí?

O SR. MARCELO FETTER - Aí eu fui buscar informações de como...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu ligaste para o Jair Oliveira?

O SR. MARCELO FETTER - Hã?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu ligaste para o Jair Oliveira?

O SR. MARCELO FETTER - Eu liguei. Eu não tenho bem certeza, mas eu acho que foi uma ligação que eu fiz para ele sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Eu devo ter feito uma ligação a respeito disso aí sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu ligaste para o Jair pedindo informações sobre como é que se usam explosivos?

O SR. MARCELO FETTER - É, acredito que tenha sido isso. É, porque eu nunca tinha visto explosivos na minha frente antes não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí? O Jair te explicou?

O SR. MARCELO FETTER - Me explicou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É?

O SR. MARCELO FETTER - Me deu uma noção, me deu uma noção sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ele sabia? Ele não era vendedor de carro?

O SR. MARCELO FETTER - É como eu lhe respondi no início, eu não sei nada sobre a vida pessoal do cara.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu liga para o cara para perguntar como é que faz para usar explosivo. Tu imagina o seguinte: eu vou numa revenda comprar um carro, aí um cara me oferece dinamite, e eu ligo para o dono da revenda: *"Fulano, lembra de mim? Fui aí comprar um carro"*.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O cara está me oferecendo dinamite. Como é que eu faço para usar? E o cara me explica?

O SR. MARCELO FETTER - É, eu acredito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Convenhamos, Marcelo?

O SR. MARCELO FETTER - Não, tudo bem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu tinhas combinado comigo de falar a verdade.

O SR. MARCELO FETTER - Não. Eu estou falando a verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, me explica direitinho.

O SR. MARCELO FETTER - Eu poderia ter dito para o senhor que eu não fiz essa ligação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo, mas...

O SR. MARCELO FETTER - Seria mais conveniente para mim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Acho que não.

O SR. MARCELO FETTER - Mas eu não falei isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como eu estou com ela aqui eu boto ela ali para rodar e a gente confere a tua voz. Quero saber o seguinte...

O SR. MARCELO FETTER - Sim, mas aí tem que provar que a voz é minha, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu ligaste para o Jair Oliveira... Não, tudo bem, nós estamos aqui, hoje não é dia de prova, hoje é dia de...

O SR. MARCELO FETTER - É a minha intenção, é a minha intenção.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem te ofereceu explosivo?



O SR. MARCELO FETTER - Um conhecido meu, um conhecido meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Boa resposta. Como é o nome do conhecido?

O SR. MARCELO FETTER - Antônio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antônio. Perfeito. Sobrenome?

O SR. MARCELO FETTER - Ah! O sobrenome dele eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não queres colaborar.

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Veja bem...

O SR. MARCELO FETTER - Não é essa...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tudo bem.

O SR. MARCELO FETTER - Não é essa a intenção.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí o Antônio...

O SR. MARCELO FETTER - Para o senhor ver que não é... na data da minha prisão não foi apreendido nenhum tipo de explosivo comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tudo bem, rapaz. Eu não estou interessado em ti, estou interessado nos explosivos.

O SR. MARCELO FETTER - Eu não adquiri nenhum tipo de explosivo. Ninguém me tira o direito de eu tentar me informar sobre alguma coisa. Tanto explosivos, tanto como medicamento, como qualquer outra coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Marcelo, eu estou interessado...

O SR. MARCELO FETTER - Eu posso me informar, eu não cheguei a usar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou interessado é no explosivo, não é em ti.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo?

O SR. MARCELO FETTER - Certo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estou interessado em quem tem explosivo e quem mexe com explosivo.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não estou interessado em ti.



O SR. MARCELO FETTER - Claro. Poderia ter feito essa pergunta a um militar também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito? Então, eu estou perguntando para ti.

O SR. MARCELO FETTER - Quartel, um funcionário...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou perguntando para ti para ver se tu queres nos ajudar.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que tem explosivo para vender?

O SR. MARCELO FETTER - É, eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que tem explosivo para vender?

O SR. MARCELO FETTER - Eu não sei quem tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Saber tu sabes, tu não queres é nos dizer, pois um cara te ofereceu.

O SR. MARCELO FETTER - Claro, me ofereceu. Um conhecido meu me ofereceu, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu sabes de uma pessoa que trabalha com explosivo...

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E tem oportunidade de comunicar à CPI.

O SR. MARCELO FETTER - Para o senhor ver, eu não cheguei a ver...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Eu não cheguei a ter em mãos esses explosivos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu ligaste para o Jair Oliveira?

O SR. MARCELO FETTER - Hum...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para ser mais preciso na tua frase: *“Como trabalhar com artefato usado para explosão de um cofre?”*

O SR. MARCELO FETTER - Claro.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí tu ligaste para o Jair para perguntar como é que fazia para explodir um cofre?

O SR. MARCELO FETTER - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que razão o Jair saberia te explicar isso?

O SR. MARCELO FETTER - Não posso lhe responder, não sei. Mas foi a pessoa que eu me lembrei na hora para fazer esse questionamento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E tu encontraste o Jair alguma vez em Farroupilha?

O SR. MARCELO FETTER - Uma única vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perto...

O SR. MARCELO FETTER - Numa revenda.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perto do dia desse telefonema?

O SR. MARCELO FETTER - Ah, Doutor! Aí eu não me recordo. Datas assim eu não tenho como lhe confirmar isso aí, mas encontrei com ele numa revenda em Farroupilha sim, uma revenda de automóveis.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu conheces Erotildes Franco da Silva, vulgo Nenê?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. MARCELO FETTER - É um cidadão ali de Farroupilha. Conheci na época em que eu cheguei a Farroupilha, conheci numa boate local ali

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Juarez Franco da Silva, vulgo Papa?

O SR. MARCELO FETTER - É o irmão dele. Conheço os 2.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esses 2 mexem com explosivo ou não?

O SR. MARCELO FETTER - Não, nunca vi mexer com explosivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, ver mexer...

O SR. MARCELO FETTER - Para o senhor ter uma noção. Eu vou ser franco com o senhor, para o senhor ter uma noção. Esses 2 cidadãos que o senhor está falando aí são 2 pobres coitados, os caras não têm nem carro para andar,



entendeu? Um puxou cadeia, foi sair da cadeia ano passado, agora, no final do ano; e o outro... o único que tem um imóvel, que mora em casa própria, é o Nenê. O outro nem casa tem, entendeu? São uns pobres coitados, não têm... Um tem um Passat velho, o cara não tem onde cair morto. Como é que um cara desse vai ter envolvimento em tráfico internacional de armas ou manutenção, ou manuseio com explosivos? Não tem, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o Nenê tem relação com o Seco.

O SR. MARCELO FETTER - Que Seco que o senhor fala?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Seco, o Seco do assalto ao carro-forte, banco.

O SR. MARCELO FETTER - Não sei. Não acredito nisso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não é tão anjinho.

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, tudo bem, ele tem passagem como tráfico, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Anjinho não é.

O SR. MARCELO FETTER - Como tráfico ele tem passagens.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, eu quero entender o seguinte: não entendo como é que tu ligaste para o Jair Oliveira para perguntar como é que fazia para explodir um cofre. O cara não se ofendeu contigo?

O SR. MARCELO FETTER - Para o senhor ver. Eu não entendo. Eu fui buscar uma informação, fui buscar uma informação sobre aquilo ali.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas por que com ele?

O SR. MARCELO FETTER - Porque foi a pessoa que me veio na cabeça naquele momento, entendeu? De repente, ali na região do Vale dos Sinos, alguém poderia me tirar essa informação. A princípio foi tirada uma dúvida que eu tinha sobre aquilo ali, doutor. Eu não cheguei nem a ver, nem a manusear, nem a usar isso aí. Não cheguei nem a adquirir nem a comprar aquilo ali.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Foi... E outra coisa, se eu tivesse uma intenção criminal, se eu tivesse, doutor, quem sabe eu teria feito um negócio de boca a boca. Eu não fiz isso, doutor.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero entender por que razão alguém que tem uma oferta de uma carga de dinamite liga para o... Eu me coloco na tua situação.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não é? Para quem que eu vou ligar para saber quem é que mexe com explosivo? Só vou ligar para alguém que mexe com explosivo, correto?

O SR. MARCELO FETTER - Claro. Não necessariamente, poderia ter feito essa ligação para qualquer um, doutor. E se essa pessoa me desse uma notícia negativa, "*Não, não sei te explicar*", o senhor iria estar me ouvindo da mesma forma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está o.k.

O SR. MARCELO FETTER - Podia ter ligado para um policial e ele ia me dizer o quê?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não tens envolvimento com o tráfico internacional de armas?

O SR. MARCELO FETTER - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Também acho que não, mas tu já foste comprar arma no Uruguai.

O SR. MARCELO FETTER - Ali, é que nem eu disse para...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já foi comprar arma no Uruguai?

O SR. MARCELO FETTER - Se eu já fui?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. MARCELO FETTER - Não. Por exemplo, aqui, se você...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu nunca foste comprar arma no Uruguai?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca fui comprar arma no Uruguai.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E munição?

O SR. MARCELO FETTER - Não precisa. Você não precisa ir no Uruguai para comprar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na fronteira?

O SR. MARCELO FETTER - Na cidade de fronteira. Eu morei em Uruguiana.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu já compraste arma do Uruguai?

O SR. MARCELO FETTER - Não. No Uruguai, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na Argentina?

O SR. MARCELO FETTER - Nem na Argentina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da onde tu compraste?

O SR. MARCELO FETTER - Na região de Uruguaiana. Por exemplo... Deixa eu concluir, para que não haja dupla interpretação do que eu vou falar agora para o doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Eu morei 9 anos em Uruguaiana. Se eu sair com 600, 700 reais no bolso e for para uma vila, para um bairro e disser “*Quem é que tem uma arma para me vender?*”, eu vou encontrar. Entendeu? E eu sei que essas armas vêm da Argentina. Houve uma época em Uruguaiana — para o senhor ter conhecimento, isso aí eu vou lhe informar, porque agora eu estou por dentro disso aí — que o senhor ia para Passos de los Libres, o senhor ia nas “armerias” ali, nas lojas que vendiam armas, o senhor entrava, qualquer cidadão entrava dentro de uma loja que vendia armas e comprava a arma que estava ali exposta e a munição que você quisesse. Qualquer um. Você só precisava esconder ela ao passar a ponte. Qualquer um ia lá e comprava. Poderia ser um marginal, poderia ser um policial, um pastor de igreja. Se quisesse comprar, era só atravessar e comprar. Hoje não se faz mais isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero saber o seguinte: tu alguma vez compraste arma ou munição?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Negociou?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Buscou?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez roubou carga de pneu?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roubou carga de quê?



O SR. MARCELO FETTER - Os processos, no caso, se o senhor pesquisar o meu nome...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tecido?

O SR. MARCELO FETTER - É, eu já tenho esse processo em que eu fui condenado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que mais?

O SR. MARCELO FETTER - Foi só.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor só roubou carga uma vez na vida?

O SR. MARCELO FETTER - Que me deu condenação. Em que fui condenado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, quero saber os que não deram condenação.

O SR. MARCELO FETTER - O que eu fiz eu respondi. E veio a sentença.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. Mas aqui nós não vamos te enquadrar por...

O SR. MARCELO FETTER - Sim, doutor, mas o senhor tem que convir comigo que eu também, no meu passado, já puxei 7 anos de cadeia por causa de todas essas broncas que eu me arrumei no passado. Se eu tivesse que optar hoje por uma linha de vida, com certeza eu não teria me envolvido na vida do crime. Envolvi-me quando eu era guri, não sabia das conseqüências.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Claudionor Cardoso?

O SR. MARCELO FETTER - Claudionor Cardoso é um cidadão que se encontra preso comigo no presídio central.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele?

O SR. MARCELO FETTER - Eu o conheci lá no central, conheci nessa operação da Polícia Federal. A grande maioria dessas pessoas envolvidas na prisão da Polícia Federal eu nem conhecia e nunca tinha visto na minha vida. Nunca tinha visto a grande maioria. Há algumas pessoas que eu conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roubo de material escolar, peças automotivas e móveis?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca. Nada.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece Rivelino Boremborg de Moraes?

O SR. MARCELO FETTER - Rivelino eu conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Robertinho?

O SR. MARCELO FETTER - Robertinho também, são dois irmãos. Eu conheci Robertinho, de Bento Gonçalves. Eu o conheci lá em Bento Gonçalves. Conheci nas Camélias, uma casa noturna. O irmão dele vim a conhecer na custódia da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - São amigos de Jair Oliveira ou não?

O SR. MARCELO FETTER - Não sei do envolvimento deles com Jair. Acredito eu que não, porque eles... Rivelino acredito que não, porque ele me falou que nunca tinha ouvido falar nisso aí. Robertinho talvez, poderia ser conhecido dele. Mas, a princípio, não chegamos a ficar muito tempo juntos lá, não. Não cheguei a tocar nesse assunto, também não me envolvi muito não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece Paulo Chicuta?

O SR. MARCELO FETTER - Paulo Chicuta? Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. MARCELO FETTER - É um ex-policia de Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já fez negócio com ele?

O SR. MARCELO FETTER - Não fiz negócio com ele, mas eu o conheço de Uruguaiana, de quando eu morava lá. Conheci ele, conheci a esposa dele, o filho dele. Nós nos conhecemos... eu o conheci jogando futebol lá perto do bairro dele, lá. Fiz amizade com ele, ia à casa dele, fazia jantar na casa dele, ele ia lá em casa. Relacionamento familiar, nunca mais nada além disso daí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece Francisco Recoba?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço também, Francisco Carlos Alegre Recoba.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. MARCELO FETTER - É de Uruguaiana, ele. Nós puxamos... Por último, agora, eu saí em 2003 da penitenciária modulada de Uruguaiana. Eu o conheci dentro da penitenciária. Nós fomos plantão de galeria, representantes de presos na galeria. Nós trabalhamos juntos, puxamos uns 2 anos de cadeia juntos.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O apelido dele, como é que é?

O SR. MARCELO FETTER - Bolão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Bolão. Recoba. Conhece Jair Oliveira?

O SR. MARCELO FETTER - Jair, de São Leopoldo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. E Jair Rodrigues, tu conheces?

O SR. MARCELO FETTER - Jair Rodrigues, de Uruguaiana?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. MARCELO FETTER - Eu ouvi falar nele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ouviu falar?

O SR. MARCELO FETTER - É, ouvi falar. Lá todo o mundo se conhece, a gente ouve falar, mas não o conheci pessoalmente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Pessoalmente, não. Mas como o senhor me fez a pergunta, ouvi falar, sim. Se eu não me engano é ex-político, ex-Deputado Jair Oliveira, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sei se foi Deputado.

O SR. MARCELO FETTER - Eu acredito que seja. Jair de Oliveira, o que eu conheço...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Só quero esclarecer aqui, Presidente, que nós temos um Deputado Jair de Oliveira, mas ele é do Espírito Santo, para não confundirem. Daqui a pouco vão confundir com o nosso Deputado Jair de Oliveira.

O SR. MARCELO FETTER - Jair Rodrigues. Perdão, Jair Rodrigues, exatamente. Outro Jair não conheço. Jair de Oliveira, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós ouvimos Chicuta aqui.

O SR. MARCELO FETTER - Claro. Eu soube.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Soube que Chicuta está preso?

O SR. MARCELO FETTER - É. Ele está solto, já. O Tribunal o soltou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Soube que ele foi preso?

O SR. MARCELO FETTER - Soube.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Soube por que ele foi preso?



O SR. MARCELO FETTER - Sim, a esposa dele me ligou no dia em que ele foi preso. Um dia depois que ele foi preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que ele foi preso?

O SR. MARCELO FETTER - Ele foi preso, pelo que eu li no jornal... uma 45, não é? Uma 45 e uma espingarda de caça.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu sabes para onde que ele estava levando essa arma?

O SR. MARCELO FETTER - A princípio, eu sabia que era para Esteio. Ele estava se mudando para Esteio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E José Carlos Severo Maciel tu sabes quem é?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não sei quem é, não. Esse cidadão de que o senhor está relatando o nome eu conheci também na custódia. Eu nunca tinha visto antes José Carlos Maciel. Nunca o tinha visto na minha vida antes, nunca, nem esse nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Brites?

O SR. MARCELO FETTER - Brites também não. Também nunca ouvido falar desse cidadão, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. MARCELO FETTER - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece ninguém dessa turma aí?

O SR. MARCELO FETTER - Não. Que eu saiba — não é? —, que eu saiba, de conversas dentro da custódia, ali, os conhecidos lá não eram relacionados a mim não, doutor. Eram conhecidos de outra pessoa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Bolão é Recoba.

O SR. MARCELO FETTER - Recoba, Francisco Recoba.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Bolão e Chicuta...

O SR. MARCELO FETTER - São conterrâneos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E os dois amigos do Marcelo Fetter?

O SR. MARCELO FETTER - Por que não poderiam ser?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, só estou...



O SR. MARCELO FETTER - Não, tudo certo. Que nem eu falei antes, o Bolão eu conheci no sistema penitenciário, e Chicuta não; Chicuta eu conheci...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez tu já fizeste negócio com arma?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca fiz negócios com arma, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca comprou, nunca vendeu?

O SR. MARCELO FETTER - Nunca comprei, nunca vendi. Comprei para o meu uso, sim. Isso aí eu não posso lhe negar, não. Comprei, já, no passado, para o meu uso, um revólver, uma pistola, alguma coisa assim, sim. Para a minha defesa pessoal, já, no passado, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E Paulo Corvo, quem é?

O SR. MARCELO FETTER - Ah! Esse cidadão eu conheci em 2004, em Bento Gonçalves.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. MARCELO FETTER - É um amigo meu da rua, lá. É um mecânico, amigo meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Preso?

O SR. MARCELO FETTER - Preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por quê?

O SR. MARCELO FETTER - Acusação de ter envolvimento comigo, não é, doutor? Até já saiu, já. O Tribunal já o soltou também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Preso contigo?

O SR. MARCELO FETTER - Preso comigo, no mesmo dia, ele de manhã e eu no final da tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - O que... se o senhor me autoriza concluir...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu te consideras inocente, pelo que eu percebo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu me declaro inocente. O que eu devo à Justiça é o fato de eu ter o meu passado. As condenações que eu tenho, eu devo. Estou respondendo agora a mais algumas situações, que estou respondendo, não é? Estou brigando no Tribunal, estou respondendo a mais algumas situações. Essa



é a minha situação, em que estou na atualidade. Mas, assim, especificamente pelas perguntas que o senhor está me fazendo e pela intenção que os senhores têm a respeito disso aí, eu posso dar uma opinião para o senhor sobre o que eu penso, sobre o que eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos ver, então.

O SR. MARCELO FETTER - Se o senhor me pedir, sobre quem vende armas na Argentina, sobre quem vende armas no Uruguai, eu não tenho o que dizer para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero saber quem compra no Brasil.

O SR. MARCELO FETTER - Qualquer pessoa pode comprar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, quero saber quem é que tu sabes que negocia arma e munição.

O SR. MARCELO FETTER - Olhe só, se o senhor for à Argentina, é uma situação que... eu nem precisava nem ter espichado esse assunto, entendeu? Só para o senhor ter uma noção de que não é aquela coisa assim, fantasiosa, como uma organização criminosa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, é formiga.

O SR. MARCELO FETTER - Exatamente. Eu questiono aquilo ali, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Formiguinha. Vai lá, compra arma, compra munição...

O SR. MARCELO FETTER - Eu questiono aquilo ali, aquela repercussão, aquele rótulo que botam em torno de uma situação. Não sei o interesse daquilo ali. Uma organização criminosa, tráfico internacional de armas? Se você for a uma região de fronteira e pedir para o taxista te levar ao outro lado para comprar uma arma, você compra. Você faz isso em Foz do Iguaçu, você faz em Uruguaiana, você faz isso em Santana do Livramento. Não é necessário que tenha uma organização. Entendeu, doutor, o que eu quero lhe dizer? Não é necessário que tenha uma organização criminosa em torno disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Marcelo, deixe-me te dizer o seguinte: eu acho que tu estás perdendo uma boa oportunidade de melhorar a tua



situação, e eu te dei oportunidade, perguntei várias coisas. Ramão tu sabes quem é?

O SR. MARCELO FETTER - Eu sei, é de Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Careca, tu sabes quem é?

O SR. MARCELO FETTER - O Careca? Eu já conheci Careca, depende de a quem o doutor se refere.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Paulo Sérgio de Oliveira Barros.

O SR. MARCELO FETTER - Ah, conheci na custódia também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é essa figura?

O SR. MARCELO FETTER - É de São Leopoldo. Conheci também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Careca?

O SR. MARCELO FETTER - Conheci na custódia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No que ele está envolvido?

O SR. MARCELO FETTER - A princípio, que eu tenha conhecimento, em tráfico de drogas, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem relação com ele?

O SR. MARCELO FETTER - Não tenho nenhum tipo de relação com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca conversou com ele por telefone?

O SR. MARCELO FETTER - Já conversei com ele por telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca fez negócio com ele por telefone?

O SR. MARCELO FETTER - Comprei uma moto de trilha dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe quem é Jarves Chimenez de Arruda?

O SR. MARCELO FETTER - Jarvas?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Jarves, também conhecido como Pavão.

O SR. MARCELO FETTER - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Acho que tu tiveste aqui uma boa oportunidade para mostrar tua disposição. Lamentavelmente, nada do que tu disseste até agora aqui foi para nós novidade. Conhece Luiz Egídio Batolin?



O SR. MARCELO FETTER - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. MARCELO FETTER - É um policial militar de Bento Gonçalves.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que tu me dizes a respeito do desempenho dele?

O SR. MARCELO FETTER - Conheço...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É um bom policial?

O SR. MARCELO FETTER - Não sei nada da vida pessoal dele. Nunca me interessou, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não é da vida pessoal. Eu estou perguntando como policial, da vida profissional dele.

O SR. MARCELO FETTER - Também não. Eu o conheci final do ano... no início deste ano. Conheço muito pouco sobre a vida dele, entendeu? Não saberia, poderia dar uma opinião, assim, sobre se ele é um bom policial ou não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Nunca teve nenhum tipo de parceria com ele na realização dos teus negócios?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não. Supostos negócios, não é, doutor? Supostos negócios, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. Negócios. Carros. Tu não compras e vendes?

O SR. MARCELO FETTER - Não, aí tudo bem. Não, não é? Mas eu não sabia também com que intenções o senhor estava dizendo "supostos negócios", não é? Porque, de um tempo para cá, tenho enfrentando isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem falou em "supostos" foste tu.

O SR. MARCELO FETTER - Não, o senhor falou "nesses negócios"...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, eu falei em "negócios".

O SR. MARCELO FETTER - Não. Eu concluí: "supostos negócios". Correto?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como eu já te disse, nós não temos interesse no teu caso. Nós queremos saber quem vende, quem compra, como é que faz a negociação das armas. Tu não tens nada que possa colaborar com a CPI nesse sentido?



O SR. MARCELO FETTER - Doutor, o senhor não está de frente com a pessoa que lhe possa responder isso aí. Simplesmente isso. Se pudesse... Eu não sou nenhum cara burro nem nada. Se isso pudesse me beneficiar, doutor!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tu não podes eu sei.

O SR. MARCELO FETTER - Não, não. Não é questão de não poder, é não saber, não poder lhe dar as respostas. O senhor quer que eu venha aqui e dê um nome para o senhor de um grande vendedor de armas. Eu não sei, doutor! O que eu sei é, como eu estou lhe dizendo, que se eu for ali, na fronteira, compro uma arma para mim. Entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. MARCELO FETTER - Do lado brasileiro, do lado estrangeiro... O que eu posso dizer para o senhor é isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, por enquanto, é suficiente para mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Com a palavra o nobre Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É claro, Marcelo, que você terá oportunidade. Se você está numa prisão com outras pessoas, você de certo modo pode sentir-se ameaçado por uma revelação, porque, é claro, todos desta CPI podem ter acesso à informação. Aí eu pergunto: você, em caráter reservado — só os Parlamentares —, poderia apresentar algumas informações que você tem? Mas sei que... quem é que não quer manter a vida? A vida é fundamental.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E às vezes a pessoa tem receio de revelar algo porque sabe que vai ter complicação.

O SR. MARCELO FETTER - Claro. Eu entendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além das que você já tem. Eu pergunto se você estaria disposto a, numa reunião reservada desta CPI, falar sobre coisas que você sabe e que possam interessar à CPI, no sentido de investigar. Não é pegar você. Você é uma ponte, aí. O que nós queremos pegar é o esquema todo, a ponta de cá e a ponta de lá. Eu pergunto se você teria alguma coisa a mais a acrescentar e estaria disposto a fazer isso em caráter reservado.



O SR. MARCELO FETTER - Dr. Deputado, eu volto a tocar na tecla do início do assunto, quando comecei a conversar: o negócio relativo ao tráfico de armas — entendeu? — não vejo como uma investigação... A Polícia Federal e a DEIC, as duas corporações, elas investigaram o nosso caso, não tenho bem certeza, há um ano, ou dois anos, eu acredito que alguma coisa em torno disso, até chegar à data da prisão e prender todos os envolvidos. Então, o senhor veja bem: eu acredito que, pela competência dos policiais federais... Eu julgo que ainda existe uma competência do lado da Polícia Federal, pois a DEIC já está avacalhada. Querem é botar a mão no teu dinheiro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei, Marcelo. Você...

O SR. MARCELO FETTER - O senhor acredita que, numa investigação de dois anos, doutor, pela competência da Polícia Federal, eles já não teriam descoberto isso aí, quem vende uma arma, quem fornece, e o grupo criminoso? Esse grupo, eu acredito, pelo que eu acompanhei, nessa situação dessas investigações da Polícia Federal junto com a DEIC, que eu acompanhei, porque eu também fui preso nessa megaoperação envolvendo as duas corporações, eu acredito que muito daquilo ali foi fantasioso. Eu não sei se era à procura de um bode expiatório, ou então — quem sabe? — faltava demonstrar serviço: *“Olhem, chegou na hora de demonstrar um trabalho. Vamos oferecer um trabalho. Vamos pegar um trabalho e vamos apresentar.”* Então, o que eu estou batendo na tecla, doutor, é que desde o início eu não vejo muita fundamentação nessa história. E se criou uma história. Eu posso chegar aqui na presença do doutor e falar um nome para o senhor, entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá, mas eu quero o seguinte... Deixe-me dizer para você: essa operação não é uma operação que só pega a questão tráfico internacional de armas.

O SR. MARCELO FETTER - Tá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - As armas eram utilizadas como moeda de troca. Moeda de troca.

O SR. MARCELO FETTER - Isso, isso existe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo?

O SR. MARCELO FETTER - Correto. É assim que funciona.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então...

O SR. MARCELO FETTER - O senhor está correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É isso que a gente está querendo...

O SR. MARCELO FETTER - O senhor está correto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... saber como é que funciona.

O SR. MARCELO FETTER - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... como é que funciona, se você teria informações sobre isso, em caráter reservado...

O SR. MARCELO FETTER - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... se você teria, sobre como é que funciona isso, esse esquema. É isso que interessa para a gente...

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... como é que funciona o esquema. Porque o que nós verificamos é que a operação, ela buscava... tinha uma parte que buscava armas, tinha outra que buscava droga, tinha outra que fazia roubo de carga de caminhões, não é?

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De cargas.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tinha outro que fazia... “esquentava” carro para pagar também por armas e droga do exterior. Enfim, há uma série de coisas. Esse esquema é que a gente gostaria... se você teria, em caráter reservado, informações de como é que funciona isso. Interessa para a gente isto aqui: se você tem... É isso que eu pergunto: se você gostaria, em caráter reservado, de apresentar como é que funciona esse esquema todo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu não... Eu vou falar para o senhor o que eu sei, em caráter... do jeito que eu estou falando para o senhor aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Então, diga.

O SR. MARCELO FETTER - Esclarecer as situações. Não há necessidade...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não há. Então, diga.

O SR. MARCELO FETTER - ... de caráter... Tá. Eu vou contar uma história aqui para o senhor...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá.

O SR. MARCELO FETTER - ... sobre... sobre isso, uma organização criminosa, tá? Sobre a lavagem de dinheiro, sobre o tráfico de drogas, sobre o tráfico internacional de armas, sobre roubo de carga, sobre roubo de carro-forte. Acontece assim: os policiais estão nos investigando. Eu tenho um passado no roubo de cargas, entendeu? Então, eles me vêem junto com Jair de Oliveira. Jair tem um passado com tráfico e assalto a carro-forte. Aí eles estão nos investigando, eles vêem quem? O Careca, na nossa companhia: *“Olhem, o Careca é traficante”*. Entendeu? Aí eles vêem um cara de uma revenda de automóvel de Farroupilha na nossa presença, fazendo um churrasco num final de semana, com as mulheres ou não, conversando sobre qualquer assunto. Eles vêem também o rapaz de Farroupilha, que é dono de uma revenda, que também tem um passado no tráfico de drogas. Então... Ah! O que acontece? *“Olhem ali. Ali estão Fetter, o ladrão de carga; Jair, assaltante de carro-forte, e, olhem só, dois traficantes. Ah, não! Olhem só o que esse pessoal está fazendo”*. Aí se monta essa história. Isso que o doutor falou para mim é uma montagem, é uma conclusão de uma investigação. Isso não quer dizer que seja assim, doutor, que isso exista. Entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas Marcelo...

O SR. MARCELO FETTER - Aí é que está. Por exemplo, eu conheci o tráfico, que nem eu falei do início; eu conheci traficantes, conheci assaltantes.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu volto a conviver com eles na rua. Quem é que vai me dar emprego?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas eu quero que você fale sobre como é que funcionava o esquema do roubo de cargas, ou seja, para fazer lavagem ou troca. É isso que interessa. Porque, na realidade, Marcelo, veja, a gente percebe que você é uma pessoa inteligente. E, além de inteligente, é uma pessoa muito esperta. Ou seja, você não apenas responde as perguntas, ou não responde outras, mas você faz ilações, ou seja, você faz um juízo de valor sobre as investigações.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É claro que a Polícia, ela não vai, só porque viu você com Caveira, ou com Careca...



O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... ou com Cabeleira, ou com Cabeludo, não é? Mas é porque a Polícia, ela faz um trabalho de inteligência...

O SR. MARCELO FETTER - Não, eu acredito...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... de inteligência. E não é um trabalho, ou seja, que não... que você considere... não de... Não é montagem. Além disso, quer dizer, a polícia tem instrumentos de...

O SR. MARCELO FETTER - De investigação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... de escuta, de seguir, de infiltração. Ou seja, na realidade, não é montagem, não. É algo tão profundo que talvez você, como... estando lá no meio...

O SR. MARCELO FETTER - Sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... não esteja na ponta...

O SR. MARCELO FETTER - Sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... você não compreenda tudo isso aqui. Mas na realidade é muito grave o esquema todo.

O SR. MARCELO FETTER - Claro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu queria perguntar a você: você disse que começou cedo a sua vida. Com quantos anos você começou essa vida na...

O SR. MARCELO FETTER - Não, não. Eu estou com 33; eu comecei em 95 para 96.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Noventa e cinco? E como é que...

O SR. MARCELO FETTER - E eu só tive, eu só tive...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi alguém que o aliciou?

O SR. MARCELO FETTER - Não, eu não...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Que o chamou?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, não. Eu sou o responsável pelos meus atos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você?

O SR. MARCELO FETTER - Eu... não é? Naquela idade, assim, de...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era assalto.



O SR. MARCELO FETTER - É, naquela idade, assim, de querer ter um carro bom...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. MARCELO FETTER - ... uma vida boa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá.

O SR. MARCELO FETTER - É uma idade de guri, sabe?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu, hoje, se eu tivesse que...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você... Isso aconteceu onde?

O SR. MARCELO FETTER - Em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Uruguaiana.

O SR. MARCELO FETTER - Em Uruguaiana, é.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Uruguaiana.

O SR. MARCELO FETTER - Em 95. Na época...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Veja...

O SR. MARCELO FETTER - Uns 10 anos atrás...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... pelo esquema aqui, o esquema era muito amplo, não é?

O SR. MARCELO FETTER - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era muito amplo. Eu vou perguntar se em algumas cidades do Rio Grande do Sul, se você esteve nessas cidades. Por exemplo, Lajeado.

O SR. MARCELO FETTER - Lajeado? Se eu conheço Lajeado ou se eu já passei por Lajeado? Já passei por Lajeado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tem alguma referência em Lajeado?

O SR. MARCELO FETTER - Não, só passei pela cidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Taquara?

O SR. MARCELO FETTER - Taquara? Quando eu fui a Parobé, falar com um amigo meu, eu passei por Taquara. Passei por Taquara.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Livramento?

O SR. MARCELO FETTER - Livramento não conheço. Não, não; em 94 eu fui à Copa América, em Rivera.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Farroupilha você esteve?

O SR. MARCELO FETTER - Farroupilha sim. Mora minha sogra lá, meus cunhados e minhas cunhadas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando você foi preso a primeira vez?

O SR. MARCELO FETTER - Em Uruguaiana, em 96.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A segunda prisão foi onde?

O SR. MARCELO FETTER - A segunda prisão foi em Alegrete.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já esteve em Porto Alegre?

O SR. MARCELO FETTER - Preso em Porto Alegre? Sim estive preso no Presídio Central em 97.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E também teve alguma atuação, assim, no mundo do crime, lá em Porto Alegre?

O SR. MARCELO FETTER - Não, eu só puxei cadeia no sistema penitenciário. Depois disso eu voltei para Uruguaiana. Só estive preso lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alvorada?

O SR. MARCELO FETTER - Não, a grande Porto Alegre, assim, eu não conheço. A única cidade que eu conheço ali mais é São Leopoldo. Se eu entrar ali por Porto Alegre eu me perco.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Alvorada e Porto Alegre são emendados.

O SR. MARCELO FETTER - Não conheço nada em torno daquilo ali.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Santana do Livramento?

O SR. MARCELO FETTER - Se eu já estive lá? Em 94 ou 96.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eldorado do Sul?

O SR. MARCELO FETTER - Eldorado do Sul? Não, nunca estive.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Gravataí?

O SR. MARCELO FETTER - Também nunca estive.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em São Leopoldo esteve?

O SR. MARCELO FETTER - São Leopoldo, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Novo Hamburgo?

O SR. MARCELO FETTER - Novo Hamburgo, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - São Sebastião?



O SR. MARCELO FETTER - São Sebastião do Caí não. Fica no trânsito de quem vai a Caxias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Bento Gonçalves esteve?

O SR. MARCELO FETTER - Em Bento Gonçalves estive morando agora por último.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Caxias do Sul?

O SR. MARCELO FETTER - Já estive em Caxias do Sul.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Estrela?

O SR. MARCELO FETTER - Estrela? Nunca estive em Estrela.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quaraí?

O SR. MARCELO FETTER - Também nunca estive em Quaraí. Na época em que eu fui a Livramento eu passei por ali.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Em Dom Pedrito esteve?

O SR. MARCELO FETTER - Também não conheço Dom Pedrito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Faxinal do Soturno?

O SR. MARCELO FETTER - Não, eu não conheço. Eu conheci um rapaz que estava com a gente agora, que é dessa cidade, mas não conheço a cidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então se verifica que você é uma pessoa andada. Você é uma pessoa que ficou na cidade onde você morou, ou nas cidades onde você foi preso ou fez alguma coisa. Você andou, e quem muito anda conhece muita coisa. Eu pergunto: você diz que esteve em Santa Catarina...

O SR. MARCELO FETTER - Preso em Tubarão, em 98.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por que você saiu do Rio Grande do Sul e foi para Santa Catarina? Foi fazer o que, lá?

O SR. MARCELO FETTER - Na época em que me prenderam eu tinha um Corsa azul, eu estava com o porta-malas cheio de vestuário, camisas, *lingerie*, eu estava trazendo de Tubarão para o Rio Grande do Sul, para a região da fronteira. Eu ia pegar uma representação de uma fábrica de *lingerie* e de roupa íntima masculina, porque ali na região da fronteira se vende muito para os argentinos. Eles vêm, então, da fronteira, ali, vêm para o lado brasileiro, levam a barril, levam bastante em forma de atacado para dentro da Argentina. por causa da diferença de preço.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além de Santa Catarina... de Tubarão, você esteve em outra cidade de Santa Catarina?

O SR. MARCELO FETTER - Cunha Porã. Fui preso lá em 99 e vim só em 2003.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi preso? Fez alguma atividade lá?

O SR. MARCELO FETTER - Fui preso por acusação de uma atividade lá em 99.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que você fez, ou de que foi acusado?

O SR. MARCELO FETTER - Eu participei, doutor. Não vou nem negar. Participei e fui condenado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi assalto?

O SR. MARCELO FETTER - Foi assalto. Fui condenado. Paguei pena.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Paraná? Esteve no Paraná?

O SR. MARCELO FETTER - Paraná eu desconheço. Não conheço nada do Paraná.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além desses dois Estados, que outros Estados do Brasil você conhece?

O SR. MARCELO FETTER - Nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Agora, vamos para países. Uruguai?

O SR. MARCELO FETTER - Se eu conheço o Uruguai? Eu fui à Copa América no Uruguai, em 96, em Livramento, Santana do Livramento, divisa com o...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esteve em Rivera também?

O SR. MARCELO FETTER - Não, em Rivera não. Não, não; Rivera, a cidade do outro lado, sim. Foi ali que foram realizados os jogos da Copa América.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Argentina?

O SR. MARCELO FETTER - Da Argentina eu conheço a cidade do outro lado de Uruguaiana, ali, a cidade fronteiriça, Paso de los Libres. Geralmente, ali, a população ali da fronteira, brasileira, de Uruguaiana, todo o mundo conhece, ali; você vai lá comprar combustível, é mais barato, abastece o carro...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nós estivemos lá em Uruguaiana, em outra CPI que investigava as redes de exploração. Dizem que era uma rota de adolescentes que levavam para...



O SR. MARCELO FETTER - É verdade, doutor. Por ali passa muito. A prostituição ali é elevada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Os bailões que tem lá.

O SR. MARCELO FETTER - Em volta da COBEC, que é a estação aduaneira.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No Paraguai? Esteve no Paraguai?

O SR. MARCELO FETTER - Quando mais moço, ia para o Paraguai e comprava muamba, esse tipo de coisa. Quando era mais guri, quando tinha uns 20 anos de idade, comprava teclado, aparelho de som, videocassete. Nessa época, estive sim. Quando era mais guri, eu fazia uma grana de final de semana, ia lá puxar muamba, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bolívia?

O SR. MARCELO FETTER - A Bolívia não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Peru?

O SR. MARCELO FETTER - Também não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, você veja o seguinte: você não conhece, mas a quadrilha, que eram os 33 que foram presos... Você foi preso por causa de umas interceptações, de algumas conversas, e por causa da ficha criminal que você tinha. Aí, aquela conversa dos explosivos, o interesse seu de uma hora para a outra...

O SR. MARCELO FETTER - Uma curiosidade, doutor. Uma curiosidade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você falou: *"Eu estava pedindo informação, porque eu poderia usar em algum momento"*. Já havia uma intenção sua de usar isso aqui.

O SR. MARCELO FETTER - Houve uma intenção, sim. Houve, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não é por acaso. Veja o seguinte: essa organização pegava maconha, cocaína, armas, fazia o pagamento de tudo isso através de automóveis "esquentados". Você alguma vez participou de alguma dessa atividade de "esquentamento" de automóvel, ou de clonagem de automóvel?

O SR. MARCELO FETTER - Doutor, conforme o que o senhor me falou agora, eu devo ser um cidadão de muitas posses, um cidadão com dinheiro.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu não estou dizendo que você fez, não. Eu estou perguntando da quadrilha como um todo. Não estou dizendo que você fez. Eu pergunto se você alguma vez participou de algum processo, de algum esquema de “esquentamento” de carro.

O SR. MARCELO FETTER - Não, nunca, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pronto, é isso que eu estou perguntando. Não estou fazendo nenhuma acusação contra você. Ou de lavagem de dinheiro, carro roubado... Agora, uma coisa que chamou a atenção é que você seria... O Chicuta trazia as armas, inclusive de militares argentinos e uruguaio, e você era o intermediário. Você era quem pegava isso e passava para Jair.

O SR. MARCELO FETTER - Doutor, eu discordo dessa conclusão. Veja bem...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não discorda. É a acusação que tem.

O SR. MARCELO FETTER - É uma acusação. Eu discordo. Aquilo ali é uma conclusão, doutor. É uma conclusão. Eu acompanhei essa situação aí. Ele realmente vinha trazendo de ônibus duas armas, mas de caça. Até, por sinal, duas armas velhas. Não era nenhuma arma que poderia ser usada para um assalto a um carro-forte, a um banco ou qualquer situação que se pudesse imaginar. Eram duas armas velhas. Poderiam ser armas de colecionador. Poderia se vender para um colecionador essas armas. Ele estava trazendo essas armas para ele. De repente, não discordo da situação, de repente — quem sabe? —, um dia ele poderia me oferecer aquilo ali. Se houvesse interesse de eu comprar uma arma daquela, de repente, se houvesse interesse e situação financeira, de repente eu teria comprado. Mas isso não houve, doutor. Não houve isso aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então você, na sua vida... você diz que comprava muamba no Paraguai.

O SR. MARCELO FETTER - Quando era guri.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Depois teve assalto. Teve questão de assalto a caminhão?

O SR. MARCELO FETTER - Teve. Eu fui condenado por um.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi condenado por isso. Por que mais você foi condenado?



O SR. MARCELO FETTER - Só isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só isso?

O SR. MARCELO FETTER - Só isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você responde a quantos processos hoje?

O SR. MARCELO FETTER - Acredito que, com a instauração dessa investigação da Polícia Federal... eu não tenho conhecimento total do que consta nessa investigação, mas é o que compete à Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você, alguma vez, onde você estava preso, você sofreu alguma ameaça por parte de algum preso?

O SR. MARCELO FETTER - Sim, em 2003 eu quase perdi a vida dentro do sistema penitenciário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por quê?

O SR. MARCELO FETTER - Em 2003 nós éramos plantão de galeria, representantes de galeria. Então, tudo que o senhor pode imaginar, tudo que não presta, tudo que há de ruim existe dentro do sistema penitenciário, e não existe uma autoridade interessada em modificar aquilo ali. Então, eu, como já puxei vários anos de sentença, eu conheci muito cara, muito guri, chegando assim, por um erro, de repente por uma falta de acompanhamento de pai e mãe se envolver no mundo do crime, cometer um erro, vir para o sistema penitenciário. Mas ali ele vem... ele não é um criminoso, ele não é um bandido. Lá dentro ele é lapidado. Aí, sim, ele sai um criminoso; aí, sim, ele sai um bandido, pronto para fazer qualquer coisa. Por quê? Porque o sistema penitenciário brasileiro proporciona isso. Aquele guri que não é bandido, que não é criminoso, entra no sistema.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, você considera que o sistema prisional é uma fábrica de bandido?

O SR. MARCELO FETTER - É, o sistema penitenciário. E os responsáveis por isso são os administradores, os policiais que mantêm o regime da administração penitenciária, que... Eu, quando... Na primeira vez em que eu caí no sistema penitenciário, eu não era um animal. Eu não sou um animal, eu não sou um bandido, eu não sou um cara ruim. Eu amo o meu pai, eu amo a minha mãe, amo meu filho, amo minha esposa. Eu não sou um cara de coração ruim. Nunca tive. Nunca



precisei matar ninguém, e não tenho coragem de matar se não for em defesa da minha legítima vida.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Não tenho coragem. Então, aquele tipo de situação ali, no sistema penitenciário, é a coisa mais cruel que existe. Um animal no zoológico é mais bem tratado do que um ser humano dentro do sistema penitenciário. Então, na época, eu era representante dos presos da nossa galeria, eu e Francisco Recoba. Então, o que é que acontece? Acontecia uma chantagem, assim, uma especulação, de um grupo de presos, que era a desfavor. Jesus Cristo não agradou todo o mundo. O preso também. Ninguém agrada todo o mundo, nem político, ou seja, ninguém agrada todo o mundo. Então, houve um grupo, sem que a gente soubesse, que tinha interesse em tomar a galeria de nós.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. MARCELO FETTER - Então, num determinado dia de visita se criou uma situação. Eu tinha feito uma cirurgia no pé, andava de muleta, quando fui para o refeitório pegar a minha marmita, a minha refeição do almoço, e o cara chegou assim, de lado, embaixo, e me deu uma facada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, sei.

O SR. MARCELO FETTER - Eu não esperava. Ele veio por trás de mim, quando eu me abaixei, botei minha muleta do lado... Eu tenho um tiro na perna, não é? Tive de fazer uma cirurgia corretiva. Quando me abaixei para pegar o meu bambê, o cara chegou por trás aqui e me meteu a faca no fígado, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Eu tive... Eu fui para o hospital do Município de Uruguaiana. Eu estive com hemorragia, não é? Os médicos falaram que eu não resistiria à cirurgia. Depois que eu resisti à cirurgia, os médicos falaram para a minha família que eu não passaria de 24 horas. Eu passei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. MARCELO FETTER - Então, para o senhor ver como é que é o sistema penitenciário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então você sofreu...

O SR. MARCELO FETTER - Sofri, sofri.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas hoje, depois dessa prisão, você sofreu alguma ameaça lá na prisão, ou disseram “*Cuidado*”?

O SR. MARCELO FETTER - Não, não. Tudo tranquilo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tudo tranquilo?

O SR. MARCELO FETTER - Essa foi uma situação isolada na Comarca de Uruguaiana, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Deputado Luiz Couto, só para gente fazer uma distribuição do tempo, V.Exa. já falou por 30 minutos, e eu queria pedir permissão... Não sei é critério aqui da Comissão, mas o Deputado Jovino está inscrito; quer dizer, se ele pudesse falar, depois V.Exa. retornaria novamente, só para fazer um estudo, e para distribuir o tempo dentro da Comissão, porque Jovino está inscrito também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei, mas é que a gente perde o leito das informações. Eu peço mais 5 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Cinco minutos estão concedidos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Chicuta você disse que conhece, não é?

O SR. MARCELO FETTER - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, Chicuta, que é Paulo Sérgio Leite Chicuta, que é um ex-PM. Normalmente... Ou seja, a relação de que... Quando alguém é preso... normalmente a Polícia, quando chega, é para prender ou para extorquir.

O SR. MARCELO FETTER - Exato, o senhor tem razão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí há o seguinte... mas, pelo que eu vi, você tem no seu rol de relacionamento policiais.

O SR. MARCELO FETTER - Tenho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que se explica esse negócio aí?

O SR. MARCELO FETTER - Isso aí... eu acredito que, quanto às pessoas que você conhece, podem ser do convívio policial ou do convívio no mundo do crime, assim dizendo, não é? Das pessoas relacionadas, assim, você conhece no sistema penitenciário, e outro tipo de pessoa você conhece sem saber o que é que elas fazem. É um conhecimento normal. Posso conhecer um político também, na



rua, sem saber que ele é político, num baile, numa janta, num restaurante. Eu não teria, assim, uma situação específica para explicar para o doutor, sabe? Como eu explico isso aí? Eu conheço vários tipos de pessoas, em várias profissões, várias classes sociais, e vou conhecendo as pessoas com o tempo, não é? Sabendo que elas são aquilo, que elas são aquilo outro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E você conhecia uma figura que tinha apelido de Seco?

O SR. MARCELO FETTER - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. MARCELO FETTER - Não conheço, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não conhece?

O SR. MARCELO FETTER - Não conheço, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você tinha conhecimento de que essa organização que tinha como chefe o Sr. Jair de Oliveira, ele fazia empréstimo de armas para assaltos, ou seja, assalto a carro-forte, roubo de caminhão?

O SR. MARCELO FETTER - Eu soube isso que o senhor está me relatando pelas investigações da Polícia, e discordo disso aí, doutor. Para dar uma opinião, assim, uma visão para vocês, assim, sobre o mundo do crime, isto não existe: um chefe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem?

O SR. MARCELO FETTER - Não existe um chefe. Cada pessoa é responsável pelos seus atos. Eu discordo quanto a isso, uma organização criminosa, com um chefe. Isso não existe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você pode discordar, Marcelo, mas a conexão está...

O SR. MARCELO FETTER - É uma conclusão, é uma conclusão de uma investigação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, não é conclusão. São evidências. São evidências, são indícios, são provas conseguidas através de meios legais, solicitados pela Justiça.

O SR. MARCELO FETTER - Eu questiono isso, doutor. Sabe por quê? Porque desde o início...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você pode até questionar.

O SR. MARCELO FETTER - Sabe por que eu questiono isso? Porque desde o início eu não neguei que eu conheço Jair de Oliveira, entendeu? Eu conheço Jair de Oliveira, mas eu não tenho envolvimento com esse tipo de situação. Eu nunca vi isso aí acontecer na minha frente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu não estou dizendo que você tenha. Pergunto se você teve conhecimento.

O SR. MARCELO FETTER - Não? Então, está tudo ótimo. Então, não, não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O problema é que, quando eu faço a pergunta a você, você quase se auto-incrimina, como se eu estivesse acusando você. Não estou fazendo acusação.

O SR. MARCELO FETTER - Não, não, não, nem eu também pensei dessa forma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marcelo, por que você ficou foragido da Justiça durante muito tempo? Por quê?

O SR. MARCELO FETTER - Eu peço então... Vou fazer esta pergunta, e peço que o senhor entenda a minha situação, não é? Uma situação em que qualquer um de nós de repente teria tomado a mesma atitude. Eu puxei quase quatro anos de cadeia, e saí, puxei minha sentença e saí. Quando eu saí, eu estava tentando me recuperar do meu fígado, não é? Tinha passado por aquela tentativa, não é? Dentro do sistema penitenciário. A minha intenção não era foragir da Justiça, a minha intenção era cumprir o que eu tinha que cumprir até a minha condicional, porque eu já estava, assim, usando o uso da palavra, anojado. Estava anojado. O mundo do crime não me trouxe nenhum benefício, não me arrumei nada, e não é por aí. Isso eu sempre falo com as pessoas que eu quero bem. Eu sempre falo: *"Não te envolve nisso aí, que isso aí não é futuro. Para mim não foi."* Então, quando eu saí para o semi-aberto me vem uma outra sentença, que estava em trânsito de São Gabriel. Quando essa sentença veio, o meu advogado me comunicou. Ele disse: *"Olhe, Marcelo, o negócio é o seguinte..."* Não fazia 30 dias que eu estava na rua, eu estava com dificuldade até para caminhar, porque eu estava ainda sentido dores nos rins, fazia poucos dias que eu tinha saído da mesa de cirurgia, dores no fígado.



Quando veio essa sentença, houve a intenção da Promotoria Pública local — não é? — de me mandar de volta para o regime fechado. Aí eu analisei essa situação: *“Poxa, quatro anos puxando cadeia, longe da minha esposa, do meu filho.”* Eu saí para a rua, assim, e vi que a coisa não estava fácil, sabe? Poxa, eu caí preso, eles estavam numa situação; eu saí, eu vi que estavam numa outra situação. Aí o policial vem, não é? O Ministério Público queria me botar para o fechado de novo...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Deputado Luiz Couto, permita-me só uma observação? Sr. Presidente, permita-me uma observação. Nós temos aí uma gravação que eu acho que vai mudar o rumo, um pouco, de todo o depoimento. Com a licença do Deputado Luiz Couto e do Deputado Jovino, eu pergunto: ela não pode ser feita publicamente, então teremos de transformar a sessão em reservada, e depois ter uma conversa, eu acho, mais direcionada com Marcelo; pergunto, Sr. Presidente, se pode colocar talvez em votação a proposta de transformarmos em reservada a reunião.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Neucimar Fraga) - Em votação a proposta do Deputado Moroni Torgan de transformar a sessão em reservada a partir deste momento. Os Deputados que a aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)* Aprovada. Então nós vamos, neste momento, transformar esta sessão em reservada e pedir à Secretaria da Comissão que providencie a sala para a realização da sessão reservada.

(A reunião transforma-se em reservada.)